

# As expressões idiomáticas como manifestação do liame indissolúvel entre linguagem, cultura e cognição

Maria Antonietta Rossi  
Università per Stranieri di Siena

*A língua de um povo é a sua alma*  
Johann Gottlieb Fichte (1762-1814)

## 1. À GUIZA DE INTRODUÇÃO

Cada tipologia de cultura é caracterizada por um conjunto de saberes, conhecimentos, crenças e hábitos que são partilhados pelos membros pertencentes à uma mesma comunidade e transmitidos de geração em geração. A linguagem utilizada por cada ser humano contém inevitavelmente uma descrição do mundo e da realidade que nos rodeia, relacionada com esquemas e paradigmas culturais que caracterizam uma determinada comunidade linguística: sob este ponto de vista, a relação entre o idioma falado por um povo e a respetiva cultura resulta indissolúvel, dado que os padrões culturais se transmitem através da língua de referência.

A Linguística Cognitiva é um paradigma científico de investigação que examina o forte liame entre linguagem, cultura e cognição, setor de pesquisa que se desenvolveu entre os anos 70 e 80 com o objetivo de analisar a produção das expressões linguísticas dos seres humanos reconstruindo os processos cognitivos e conceptuais que as originam, tendo como ponto de referência os valores e os paradigmas culturais partilhados pelos falantes que pertencem à mesma comunidade linguística<sup>44</sup>.

Nesta perspetiva, a linguagem é considerada como manifestação da po-

---

<sup>44</sup> Veja-se para um quadro geral Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres, Miguel Gonçalves (orgs.), *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*, Almedina, Coimbra, 2004, vol. I.

tencialidade cognitiva do ser humano, que ativa determinados processos mentais para utilizar corretamente os atos de fala conforme os contextos situacionais e o alocutário ao qual é dirigida a mensagem. Cada falante desenvolve portanto as suas habilidades e capacidades linguísticas graças à experiência e às interações comunicativas, tanto no seio familiar como em diferentes contextos sociais. Os estudiosos Lakoff (1941) e Johnson (1949) utilizaram o termo “experiencialismo” para definirem esta condição: a cognição é determinada pela nossa experiência corporal, tanto individual como coletiva<sup>45</sup>.

Além disso, como afirma Gilles Fauconnier<sup>46</sup> (1944) – um dos linguistas mais importantes deste setor de investigação – a linguagem desempenha um papel fundamental para construir e comunicar significados, facto que está diretamente relacionado com os processos mentais de cada ser humano: a linguagem representa portanto o depósito dos nossos conhecimentos, ou seja um conjunto de categorias significativas que ajudam cada falante a desenvolver a sua experiência e a arquivar as informações na memória a longo prazo.

Em vista disso, a Linguística Cognitiva interessa-se pelo processo de elaboração e de construção do conhecimento através da linguagem, fortemente influenciado pelos modelos culturais que caracterizam a estrutura cognitiva da mente humana.

Esta orientação opõe-se quer ao estruturalismo quer ao gerativismo, ou seja os paradigmas dominantes anteriores que não evidenciaram a forte relação que existe entre a linguagem, a cultura e a cognição. De facto, o estruturalismo tinha como ponto de referência os princípios elaborados por Ferdinand de Saussure (1857-1913) na obra *Cour de Linguistique Générale*<sup>47</sup>, segundo o qual a língua é um todo cujas partes se relacionam entre si e concorrem para a sua organização global, sendo aspetos “extra-linguísticos” o mundo que a linguagem representa e a maneira através do qual o homem percebe e conceptualiza a realidade que o rodeia.

O Gerativismo de Noam Chomsky (1928), pelo contrário, considera a linguagem como um sistema de conhecimento interiorizado completamente autónomo em relação à mente humana e portanto independente dos processos

---

45 Cfr. George Lakoff, Mark Johnson, *Metaphors We Live By*, University of Chicago Press, Chicago, 1980 e Mark Johnson, *Philosophical Perspectives on Metaphor*, University of Minnesota, Minneapolis, 1981.

46 Para aprofundamentos cfr. Gilles Fauconnier, *Mappings in Thought and Language*, Cambridge University Press, Cambridge, 1997.

47 Ferdinand de Saussure, *Cour de Linguistique Générale*, Payot, Paris, 1916.

mentais e cognitivos. De facto, na obra *Syntactic Structures*<sup>48</sup>, a língua é descrita como um elemento biológico caracterizado por parâmetros linguísticos universais inatos, facto que permite ao ser humano adquirir a gramática do seu idioma graças ao módulo mental orientado exactamente para a assimilação da linguagem.

Em contraposição às teorias apresentadas pelo estruturalismo e pelo gerativismo, a Linguística Cognitiva considera a linguagem como um fenómeno mental, recusando sobretudo a concepção modular da mente humana: para os cognitivistas, o cérebro de cada indivíduo falante não está estruturado em módulos não comunicantes entre eles (um dos quais dedicado à linguagem), mas sim por estruturas cognitivas que se integram entre elas.

Os maiores linguistas que estudaram a linguagem sob uma perspectiva cognitiva e mental foram sem dúvida Ronald Langacker (1942) que elaborou os princípios da Gramática Cognitiva<sup>49</sup>, Charles J. Fillmore (1929) que se interessou pela *Frame Semantics*<sup>50</sup>, George Lakoff (1941) que se dedicou especialmente ao problema da categorização através da linguagem<sup>51</sup> e Eleanor Rosch (1938) que elaborou o conceito de protótipo<sup>52</sup> em relação ao problema da classificação das informações a nível cognitivo.

Os contributos dos linguistas acima mencionados foram importantes para perceber como o ser humano categoriza e classifica conteúdos e significados através da linguagem, ordenados em modelos cognitivos interiorizados fortemente influenciados pelos valores culturais partilhados pelos membros do mesmo grupo: isto implica portanto que os modelos cognitivos concernentes diferentes situações, conceitos ou objetos são distintos de cultura para cultura.

Já durante o século XVIII, o filósofo alemão Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) tinha afirmado que a língua de um povo representa a relativa cul-

---

48 Noam Chomsky, *Syntactic Structures*, Mouton, The Hague-Paris, 1957.

49 Ronald W. Langacker, *Foundations of Cognitive Grammar*, Stanford University Press, Stanford, California, 1987, vol.1; *Foundations of Cognitive Grammar*, Stanford University Press, Stanford, California, 1991, vol. 2; Idem, *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*, Oxford University Press, New York, 2008.

50 Charles Fillmore, *Frame Semantics and the Nature of Language*, In Stevan R. Harnad, Horst D. Steklis, Jane Lancaster (ed.), *Origins and Evolution of Language and Speech*, New York Academy of Sciences, New York, 1976, pp. 20-32; Idem, *Frame Semantics*, In Linguistic Society of Korea (ed.), *Linguistics in the Morning Calm*, Seoul, Hanshin, 1982, pp. 111-138.

51 G. Lakoff, M. Johnson, *Metaphors We Live By*, op. cit.

52 Eleanor Rosch, Barbara B. Lloyd, *Cognition and Categorization*, Lawrence Erlbaum Associates, Hillsdale NJ, 1978; E. Rosch, *Prototype classification and logical classification: The two systems*, In Ellin Kofsky Scholnick, *New Trends in Cognitive Representation: Challenges to Piaget's Theory*, Lawrence Erlbaum Associates, Hillsdale, NJ, 1983, pp. 73-86.

tura, conceito estudado também por outro importante filósofo, Wilhelm von Humboldt (1767-1835). Segundo este linguista alemão, a linguagem é como um prisma que reflecte quer a realidade que nos rodeia, quer a nossa visão individual do mundo, facto portanto relacionado com o pensamento de cada ser humano. Para este filósofo, que foi um dos maiores representantes do Romantismo alemão, o espírito de uma nação está contido na língua que fala. Nesta perspetiva, Humboldt enriqueceu o princípio do filósofo Johann Gottfried Herder (1744-1803), segundo o qual cada língua representa o carácter e a cultura do povo: por isso, podemos afirmar que cada ser humano possui uma determinada linguagem e uma própria visão da realidade. Sob este ponto de vista, uma língua é um factor de identificação cultural, cujas formas gramaticais permitem, por conseguinte, a representação do pensamento abstrato do ser humano: aprender uma nova língua implica adquirir novos modelos cognitivos para interpretar a realidade<sup>53</sup>.

Estas teorias anteciparam os estudos sobre a linguagem realizados pelo antropólogo e linguista Franz Boas (1858-1942) e pelos seus seguidores Edward Sapir (1884-1939) e Benjamin Whorf (1897-1941). O primeiro dedicou-se com interesse ao estudo da linguagem, que para ele representava uma forma privilegiada de acesso ao mundo mental e cultural dos diferentes povos, teoria que ele explicou na obra *The mind of Primitive Man*<sup>54</sup>. Os seus seguidores, tendo como ponto de referência as suas teorias, elaboraram nas primeiras décadas do século XX o princípio do *Relativismo linguístico* (ou *hipótese Sapir-Worf*) examinando com atenção as línguas ameríndias, teoria segundo a qual as estruturas mentais influenciam a produção dos atos de fala dos seres humanos, dado que a língua reflete a cultura dos membros de uma mesma comunidade de falantes. Para os dois antropólogos, a cultura desempenha por conseguinte um papel fundamental durante o evento comunicativo, uma vez que orienta determinadas escolhas a nível tanto lexical como gramatical.

Estes estudos deram impulso a muitas investigações neste âmbito, que demonstraram cientificamente como a linguagem e o conhecimento estão unidos indissociavelmente quer na codificação linguística, quer no uso que os falantes fazem da mesma língua durante as interações comunicativas em determinados contextos situacionais.

Para demonstrar como os modelos cognitivos e culturais influenciam a

---

53 Para um quadro geral sobre as teorias de Wilhelm von Humboldt veja-se Werner Heidermann, Markus J. Weininger (orgs), *Wilhelm von Humboldt - Linguagem, Literatura, Bildung*, UFSC, Florianópolis, 2006.

54 Franz Boas, *The mind of Primitive Man*, The Macmillan company, New York, 1911.

percepção da realidade e como determinam a produção dos atos de fala, vamos mostrar ao longo deste trabalho como as expressões idiomáticas representam um interessante âmbito de investigação em termos de Linguística Cognitiva, uma vez que simbolizam claramente a união indissociável que existe entre a língua, a cultura e a cognição de cada indivíduo.

O objetivo desta análise consiste portanto em comprovar as teorias elaboradas neste setor pelos estudiosos mais importantes acima mencionados, analisando como duas expressões idiomáticas pertencentes a línguas românicas diferentes – o italiano e o português – exprimem o mesmo significado. Será portanto examinada com atenção a expressão idiomática portuguesa “mais velho que a Sé de Braga”, cujo idiotismo correspondente na língua italiana coloquial é “*vecchio quanto il cucco*”.

Partindo da análise temática destas duas expressões, será apresentada uma descrição do contexto histórico e cultural que deu origem a cada locução, facto que nos permite sustentar a tese segundo a qual a língua reflecte os ideais e os valores culturais partilhados pelos falantes da mesma comunidade linguística. Isto explica também a razão pela qual os tradutores têm muitas vezes enormes dificuldades em encontrar as expressões correspondentes na língua alvo – mesmo entre línguas próximas como as indo-europeias ocidentais – dado que o processo de tradução de uma língua para outra implica a passagem de um ponto de vista cultural a outro, circunstância que confirma a tese do Relativismo Linguístico elaborada pelos antropólogos Edward Sapir e Benjamin Worf: os padrões mentais de cada indivíduo são determinados pela língua que fala.

## 2. A EXPRESSÃO IDIOMÁTICA: GENERALIDADES

As expressões idiomáticas (EIs) representam indubitavelmente a riqueza lexical e a criatividade de uma língua que, como afirmou o estudioso Ivo Castro, é um diassistema que se evolui continuamente ao longo do tempo<sup>55</sup>. Cada idioma apresenta portanto locuções ou modos de dizer que não é possível traduzir literalmente para outras línguas, uma vez que cada expressão idiomática está fortemente ligada ao contexto social e cultural onde teve origem. Em vista disso, o significado deste tipo de expressões necessita de ser claramente explicado, sobretudo aos estrangeiros que estudam uma nova língua, porque tais locuções expressam um sentido quase oculto e implícito que não é possível inferir a

---

<sup>55</sup> Para aprofundamentos sobre o conceito de diassistema cfr. Ivo Castro, *Curso de história da língua portuguesa*, Universidade Aberta, Lisboa, 2001.

partir dos elementos individuais que as compõem. De facto, quem estuda uma língua estrangeira consegue só entender o significado primário e denotativo de cada palavra empregada, sem perceber o correspondente significado conotativo global que reflete determinados modelos cognitivos da cultura representada pela língua alvo<sup>56</sup>.

A estudiosa italiana Cristina Cacciari afirma a este propósito:

Una espressione idiomática è un insieme o una configurazione formato da una o più parole e dotato di una interpretazione semantica convenzionale che può essere, a diversi gradi, derivata composizionalmente della interpretazione delle particelle la compongono. Può essere totalmente inerte così come ammettere che sue parti siano sintatticamente e semanticamente flessibili<sup>57</sup>.

Os idiotismos fazem portanto parte do património linguístico de uma nação e são utilizados quer para designar situações específicas, quer para conseguir determinados fins durante as interações comunicativas nos vários contextos situacionais. Todos os idiomas apresentam determinadas expressões idiomáticas, que o estudante estrangeiro pode aprender só através da prática, da leitura, do uso e do contato direto com a língua de referência através de materiais autênticos<sup>58</sup>.

Quanto ao uso pragmático das expressões idiomáticas, podemos afirmar que não têm uma utilidade específica, uma vez que estas locuções, interiorizadas na memória enciclopédica e utilizadas como entidades frásicas fixas pelos falantes duma comunidade, servem principalmente para criar imagens que enfatizam as emoções dos falantes e para captar a sensibilidade dos interlocutários: nesta perspectiva, as expressões idiomáticas revelam a função poética da linguagem<sup>59</sup>, ou seja o uso da língua centrado na mensagem que se quer

---

56 Entre os diversos trabalhos realizados pelos linguistas italianos, veja-se Federica Casadei, *Flessibilità lessico-sintattica e produttività semantica delle espressioni idiomatiche: un'indagine sull'italiano parlato*, In Federica Casadei, Giuliana Fiorentino, Vieri Samek-Lodovici, *L'italiano che parliamo*, Santarcangelo di Romagna, FARA, 1995, pp. 11-33.

57 Cristina Cacciari, *La comprensione delle espressioni idiomatiche. Il rapporto fra significato letterale e significato figurativo*, In "Giornale italiano di psicologia", 1989, n.16, p. 417.

58 Cfr. Guilhermina Jorge, Jorge Suzete, *Dar à língua: da comunicação às expressões idiomáticas*, Cosmos, Lisboa, 1997 e Guilhermina Jorge, *Algumas reflexões em torno das expressões idiomáticas enquanto elementos que participam na construção de uma identidade cultural*, In *Polifonia 4 - Grupo Universitário de Investigação em Línguas Vivas -*, Edições Colibri, Lisboa, 2001, pp. 215-222.

59 Cfr. R. Jakobson, *Linguistics and Poetics*, In T. Sebeok, *Style in Language*, M.I.T. Press, Cam-

transmitir ao destinatário, facto que implica uma maior atenção na elaboração estética dos conteúdos através do uso de determinadas figuras de estilo e de um maior nível de riqueza lexical. Podemos afirmar portanto que a língua veicula não só informações, mas também emoções, estados de ânimo e pareceres que o locutor quer transmitir ao alocutário empregando diferentes estratégias comunicativas.

Tais combinações lexicais demonstram como a língua e a cultura estão intimamente ligadas, dado que expressam os pensamentos e o espírito da respectiva língua que um estudante estrangeiro só pode perceber abrindo a sua mentalidade a novos paradigmas mentais e cognitivos. Graças à aprendizagem de outra língua, cada um de nós assimila por conseguinte novos conceitos, facto que implica a ativação de processos mentais capazes de detetar semelhanças, diferenças e relações entre as novas informações adquiridas e os conhecimentos prévios interiorizados na memória enciclopédica: desta maneira, o ser humano pode ter uma visão mais ampla do mundo que o rodeia<sup>60</sup>.

Como afirma o estudioso contemporâneo John Saeed, as expressões idiomáticas são «*words collocated that became affixed to each other until metamorphosing into a fossilised term*»<sup>61</sup>, ou seja locuções caracterizadas por uma estrutura “cristalizada” cujo significado conotativo é determinado pelo contexto histórico e social de origem, situação que torna difícil encontrar uma expressão parecida em outra língua estrangeira. Os idiotismos, sendo unidades fraseológica fixas, apresentam portanto estruturas lexicais e sintáticas estáveis e definidas que não permitem uma substituição sinonímica dos seus componentes, facto que alteraria completamente o significado originário da locução. Em vista disso, as expressões idiomáticas são segmentos linguísticos fixos e “congelados”, lexis complexas que os falantes utilizam quer na oralidade, quer na escrita como entidades fechadas criadas através de um processo cognitivo metafórico que se ativa na mente do ser humano a partir das experiências físicas originando, desta maneira, a construção de uma determinada realidade conceptual<sup>62</sup>.

---

bridge, 1960, pp. 350-377.

60 Cfr. Alessandro Duranti, *Antropologia del linguaggio*, Meltemi, Milano, 2005.

61 John I. Saeed, *Semantics*, Blackwell, Oxford, 2003.

62 Para um quadro geral sobre o processo de criação metafórica em relação às expressões idiomáticas cfr. Bernard Pottier, *La subduction, la métaphore et les lexies*, In “Cahiers de Lexicologie”, 1987, n. 1, vol. 50, pp. 209-218; Federica Casadei, *Metafore ed espressioni idiomatiche*, Roma, Bulzoni, 1996; Eadem, *Tra calcolabilità e caos: metafore ed espressioni idiomatiche nella semantica cognitiva*, In Marco Carapezza, Daniele Gambarra, Franco Lo Piparo (a cura di), *Linguaggio e cognizione. Atti del XXVIII congresso della società di linguistica italiana*, Roma, Bulzoni, 1997, pp. 105-122; Huéllinton Cassiano Riva, Beatriz Facincani Camacho, *Expressão idiomática: uma unidade fraseológica*, In Lídia Almeida Barros, Aparecida Negri Isquerdo (Orgs), *O léxico em foco:*

A metáfora é uma figura de estilo que permite expressar sentimentos, emoções e ideias de maneira original através de uma associação entre dois elementos que apresentam uma determinada semelhança. A criação desta implica um processo cognitivo que determina por conseguinte um desvio do sentido literal da palavra para um significado figurado que originariamente não tinha. Neste caso, o alocutário deverá ativar um processo hermenêutico para interpretar de maneira correta o conceito que o locutor quer transmitir dentro de um determinado contexto situacional onde se negociam conteúdos<sup>63</sup>.

No âmbito da Linguística Cognitiva, os estudiosos Lakoff e Johnson dedicaram-se à análise da metáfora como instrumento que o homem utiliza para conceptualizar a realidade em termos figurais e para organizar a nível cognitivo as informações. Segundo os dois linguistas, que elaboraram a teoria do experiencialismo acima mencionada, o corpo humano permite viver determinadas experiências físicas necessárias para adquirir conhecimentos que são organizados e classificados em modelos cognitivos através de alguns processos mentais, entre os quais encontramos o referido sistema metafórico<sup>64</sup>.

Os idiotismos são consequentemente sequências fraseológicas com sentido figurado que se baseiam em processos metafóricos que os próprios falantes utilizam para enfatizar a mensagem que querem transmitir aos interlocutores do evento comunicativo: através dos diferentes atos de fala, estas expressões poliméricas<sup>65</sup> institucionalizam-se pela frequência e pela sistematização do uso, tornando-se parte fundamental da cultura dum povo, fenómeno que o investigador Langlotz define com o termo *institutionalisation*<sup>66</sup>.

### 3. ANÁLISE CONTRASTIVA

Nesta parte do trabalho procura-se demonstrar como as expressões idio-

---

*múltiplos olhares*, Editora UNESP, São Paulo, 2010, pp. 195-217.

63 Para aprofundamentos veja-se Mário Vilela, *Metáforas do nosso tempo*, Livraria Almedina, Coimbra, 2002.

64 G. Lakoff, M. Johnson, *Metaphors We Live By*, op. cit. Vejam-se também os interessantes trabalhos de Cristina Cacciari, *Aspetti psicolinguistici della metafora*, In “Giornale Italiano di Psicologia”, 1986, n. XIII, v. 2, pp. 201-222; Andi Langlotz, *Idiomatic Creativity*, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia, 2006; Mario Cardona, *La comprensione e produzione di idioms - Aspetti psicolinguistici e riflessioni glottodidattiche*, In “Studi di Glottodidattica”, 2008, n. 3, pp. 45-64.

65 Cfr. F. Casadei, *Flessibilità lessico-sintattica e produttività semantica delle espressioni idiomatiche*, op. cit., p. 28.

66 A. Langlotz, *Idiomatic Creativity*, op. cit., p. 3.



máticas se baseiam em processos metafóricos e como estas locuções estão fortemente ligadas ao contexto histórico e cultural onde se originaram.

Os dois idiotismos que serão analisados pertencem a duas línguas diferentes – o italiano e o português – e expressam o mesmo conceito embora as estruturas lexicais e sintáticas utilizadas nos dois idiomas sejam completamente diferentes, uma vez que ambos nasceram em épocas distintas.

O sintagma frasal “mais velho que a Sé de Braga” é uma expressão portuguesa antiga e popular que os falantes utilizam para indicar o estado de antiguidade e de veterance de um objeto ou de uma pessoa específica. Esta expressão, de tipologia comparativa, é utilizada para fazer um confronto entre um indivíduo ou um objeto com a Catedral de Braga, que é considerada a mais antiga do País, como data de 1070: de facto, os falantes de língua portuguesa, pertencentes à comunidade linguística em que se utiliza o português padrão nas interações comunicativas, empregam este idiotismo para sublinhar o estado antigo do referente principal do ato de fala.

Como podemos ver, esta locução popular baseia-se num sentido figurado e metafórico, uma vez que a longevidade da Catedral representa o conceito de antiguidade: por esta razão, a Sé de Braga é utilizada como termo de comparação quando o falante quer fazer referência à idade avançada do objeto mencionado<sup>67</sup>.

Pelo contrário, na língua italiana não existe uma expressão idiomática na qual é empregada a Sé de Braga como termo de comparação para indicar o estado de antiguidade do referente comunicativo, dado que a referida Catedral pertence ao património cultural e arquitetónico de Portugal. Apesar disso, em italiano existe o sintagma frasal “vecchio come il cucco” que expressa o mesmo conceito do respetivo idiotismo português; a locução italiana utiliza como termo de comparação a palavra *cucco*, cujo correspondente linguístico em português não existe. De facto, o termo *cucco* representa em italiano uma pessoa em idade avançada, que no imaginário coletivo é simbolizado pela imagem de um velhote com uma barba branca e comprida. A palavra deriva do antropónimo do profeta do Antigo Testamento, Habacuque, que segundo a tradição levava uma barba muito comprida e branca<sup>68</sup>.

---

67 Vejam-se a este propósito António Nogueira Santos, *Novos dicionários de expressões idiomáticas: português*, João Sá da Costa, Lisboa, 1990; Ottavio Lurati, *Dizionario dei modi di dire*, Milano, Garzanti, 2001; Ana Rocha, *Português - 500 e tal Expressões Idiomáticas*, Editora Replicação, Lisboa, 2007.

68 Manlio Cortelazzo, Paolo Zolli, *Dizionario Etimologico della Lingua Italiana*, Ed. Zanichelli, Bologna, 1999, vocábulo: *bacucco*.

Outras teses afirmam porém que o termo *cucco* deriva do nome de uma ave, o “cuco-canoro” ou simplesmente “cuco”: segundo a crença popular, esta ave goza de uma longa longevidade, facto que deu origem à referida expressão idiomática<sup>69</sup>.

A este respeito, merece a pena acrescentar nesta parte do trabalho que os idiotismos podem até apresentar, na língua utilizada pelos falantes da mesma comunidade, uma ou mais variantes sinonímicas que expressam o mesmo conceito.

No caso da expressão portuguesa “mais velho que a Sé de Braga”, existem duas variantes: “é do tempo da Maria Cachucha” e “à moda dos Afonsinhos”<sup>70</sup>. Na primeira locução adjetiva emprega-se como termo de comparação a “cachucha”, uma antiga dança espanhola a três tempos que deu origem, em Portugal, à popular cantiga *Maria Cachucha*, adaptação da antiga cachucha espanhola semelhante ao fandango popular em terras lusitanas sobretudo no século XIX<sup>71</sup>. Pelo contrário, a segunda expressão apresenta como termo de comparação os “Afonsinos”, patronímico que se refere à primeira dinastia de reis que governou Portugal durante os séculos XII, XIII e XIV: esta locução é utilizada portanto na linguagem coloquial para indicar o ar de velharia de objetos ou pessoas<sup>72</sup>.

Na língua italiana também existem duas variantes do idiotismo “*vecchio come il cucco*”: “è del 15-18” e “è un matusalemme”<sup>73</sup>. A primeira locução utiliza como termo de comparação o período histórico que vai de 1915 a 1918, ou seja os anos em que o País italiano participou na Primeira Guerra Mundial. Para o povo itálico este acontecimento histórico foi um evento muito importante, uma vez que representava naquela altura o maior conflito bélico mundial em que tinha participado até àquele momento. Esta expressão entrou gradualmente no uso coloquial do idioma e ainda hoje é frequentemente utilizada, sobretudo na oralidade. A segunda variante, pelo contrário, apresenta como termo de comparação uma personagem bíblica do Antigo Testamento, Matusalém (3073

69 Cfr. Tullio Bianchini, *Vecchi stornelli: espressioni popolari di tempi sereni*, Pacini Fazzi, Lucca, 1983 e Sandra Radicchi, *In Italia: modi di dire ed espressioni idiomatiche*, Bonacci, Roma, 1985.

70 Cfr. António Nogueira Santos, *Novos Dicionários de expressões idiomáticas*, Lisboa, Edições, João Sá da Costa, 2006.

71 Para um quadro sobre a origem espanhola desta locução adjetiva vejam-se José João Almeida, *Dicionário aberto de calão e expressões idiomáticas*, Universidade do Minho, Braga, 2017, p. 61 e Sérgio Luís de Carvalho, *Nas Bocas do Mundo - Uma viagem pelas histórias das expressões portuguesas*, Editorial Planeta, Lisboa, 2010.

72 Cfr. Roseli Oliveira, *Dicionário de eufemismos da língua portuguesa*, Editares, Foz do Iguaçu, 2015, p. 322.

73 Vejam-se S. Radicchi, *In Italia: modi di dire ed espressioni idiomatiche*, op. cit. e O. Lurati, *Dizionario dei modi di dire*, op.cit.

a.C.-2104 a.C.), que segundo a tradição foi a personagem mais longeva de toda a Bíblia por ter vivido durante 969 anos.

Esta análise contrastiva demonstrou como as expressões idiomáticas estão relacionadas com a história e a cultura do povo que fala um determinado idioma, facto que comprova sem dúvida a veracidade da teoria do Relativismo Linguístico. Estes exemplos demonstram como o pensamento humano está estruturado em metáforas linguísticas que são influenciadas por esquemas culturais relacionados à sociedade ou à comunidade à qual os homens pertencem. Inevitavelmente, como sustenta Bernardéz, o homem aprende conceitos ordenados em classes semânticas e em mapas conceptuais através das experiências sociais e interativas que experimenta no âmbito do mesmo grupo social: a atividade linguística, quer escrita quer oral, contribui portanto para a formação e a sistematização em esquemas mentais de paradigmas culturais, cuja interpretação depende do respetivo contexto situacional e social<sup>74</sup>.

#### 4. CONCLUSÃO

Em conclusão deste trabalho, podemos afirmar que a análise contrastiva das expressões idiomáticas escolhidas foi útil para mostrar como a língua reflete modelos cognitivos que pertencem a uma determinada cultura, partilhados pelos falantes da mesma comunidade linguística: o caso dos idiotismos demonstra, por conseguinte, a veracidade das teorias elaboradas a este propósito quer no âmbito da antropologia, quer no setor de investigação da Linguística Cognitiva.

Em vista disso, os estudiosos desta área deveriam aprofundar as pesquisas sobre esta tipologia de locuções que refletem o património linguístico e cultural do idioma de referência, facto que comprova a relação indissolúvel que existe entre a língua, a cultura e a cognição. Seria interessante examinar também, de maneira mais exaustiva, os processos metafóricos do sistema linguístico português que deram origem à grande variedade de expressões idiomáticas em relação ao contexto histórico e situacional, tendo em particular consideração quer personagens religiosos ou mitológicos, quer acontecimentos de épocas passadas que marcaram a história nacional do País.

74 Cfr. Enrique Bernardéz, *Social cognition: variation, language, and culture in a cognitive linguistic typology*, In Francisco J. Ruiz de Mendoza, Sandra Peña Cervel (Eds.), *Cognitive linguistics. Internal Dynamics and Interdisciplinary Interaction*, Mouton de Gruyter, New York, 2005, pp. 191-222.

A jeito de conclusão, podemos afirmar que a escassa bibliografia em língua portuguesa sobre o estudo dos idiotismos no âmbito da Linguística Cognitiva deveria incentivar futuros trabalhos de investigação nesta área, que hoje em dia resulta efetivamente pouco explorada.